



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

1 DE FEVEREIRO DE 1964
ANO XX — N.º 519 — Preço 15

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Festas

COLISEU

Não há ninguém tão cuidadoso. Ainda Américo não pensa em «como» já Júlio tenta marcar o «quando».

O Américo anda carregadinho de ideias, naquela cabeça tão alta. É, pela última vez, sua a responsabilidade, porque depois, e já casado, vai para a nossa Casa de Benguela. Engenhoso e inteligente, ele vai esmerar-se este ano como nunca.

Posto ainda não estar definitivamente assente o dia da Festa no Coliseu do Porto, já há lugares pedidos no Espelho da Moda. Sem falar, claro, nas marcações que transitaram do ano passado!

Pelas outras Casas não sabemos ainda da animação, mas podem os nossos amigos ter a certeza que nenhuma abdicará dos seus pergaminhos.

Padre José Maria

Benguela

5 de Janeiro, festa do S.S.mo Nome de Jesus. Fez anos a Obra da Rua. São já 24 anos de vida pujante e fecunda.

Neste cantinho, também houve festa de família. Eram os anos da Mãe. E este ano havia motivo especial de alegria — dois novos membros viram a luz do dia.

Os filhos reuniram-se à roda do Altar. Festa muito íntima, sem barulho, sem foguetes, sem iguarias especiosas. Nós, um casal muito amigo e lugar para outro; os pobres que vivem a dois passos e os nossos trabalhadores do campo. Pai Américo presidia.

Foi assim que demos os primeiros passos. Foi assim a fes-

ta da inauguração da Casa do Gaiato de Benguela.

A Casa do Joaquim.

Joaquim era o cozinheiro do Internato e é-o agora da Casa do Gaiato. Tem jeito para a cozinha. Limpo e asseado como poucos temos visto. É trabalhador e educado. Gostamos muito do Joaquim.

Mais do que o rendimento que nos dão, interessam-nos os problemas dos que vivem junto de nós. Viemos para Angola por causa deles. Antes que tudo queremos amar os homens. Eles serão de quem os amar. Mais, serão de quem mostrar que os ama.

Joaquim não é casado. Vive com uma mulher cristã, de cor como ele, de quem tem uma menina, e vésperas de mais um. São amigos. Entendem-se bem. Ele cozinha, ela cuida da vida de casa e lava roupa por casa dos vizinhos. Mas não estão casados. Porquê?

«Não estou ainda preparado. Antes de me casar quero ter uma casa», responde Joaquim.

Tem razão. Onde vive não pode chamar-se casa. É um barraco. E o Sacramento do Matrimónio é coisa séria e saída de mais para a barraca onde vivem.

Gostei da resposta do Joaquim. Há-de ter uma casa. Queremos dar a mão ao Joaquim para ter uma casa sua depois casar-se. Queremos que ele e a Fernanda sejam os principais obreiros da sua casa. Não-de ir amealhando, todos os meses, os angolares que ele ia gastar às tabernas vizinhas. (As tabernas! Cemitérios da maior parte desta pobre gente!) A Fernanda

CONT. NA SEGUNDA PAGINA

Aqui Lisboa

Por PADRE LUIZ

Tenho o correio atrasado. O período das festas que vivemos e as preocupações que tenho atravessado são a desculpa mais ou menos justa que te dou para a minha falta de notícias.

O nosso Natal foi vivido à escala universal. Nele participaram grandes Amigos, dos mais variados credos e nacionalidades. «Somos do Papa», como diria Pai Américo, e a Ele nos queremos manter unidos, na Pessoa do nosso Bispo; não esquecemos, porém, a hora Conciliar. Americanos, ingleses, dinamarqueses, israelitas e portugueses vieram até nós; protestantes, católicos, judeus e outros mostraram-nos o seu carinho. O bilhar (e que bilhar!), aqui pedido, veio precisamente na véspera do dia 25, trazido por «Menino Jesus» anónimo, e causou furor; sapatos «tirones» e dos bons começaram a chegar, oferta das nossas boas Amigas da Colónia Americana em Lisboa. Brevemente darei mais notícias; para já e sempre: graças a Deus.

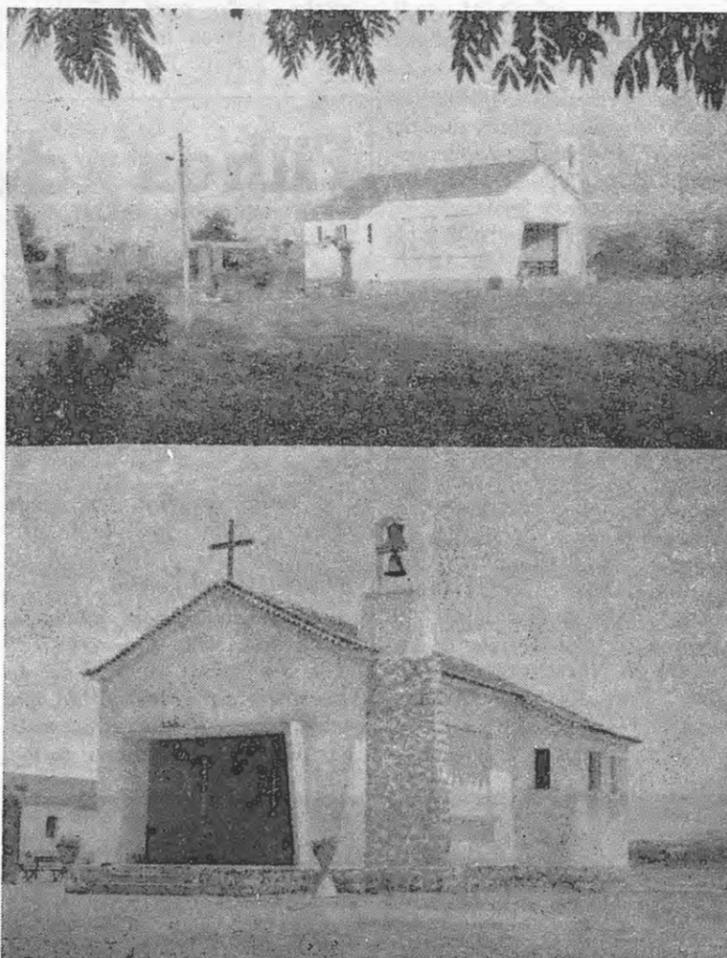
Os problemas materiais de uma Casa do Gaiato estão longe de ser os mais importantes. A luta contra os vícios e as más tendências que a maioria dos nossos carrega da rua, o desenvolvimento das boas qualidades ou propensões, por vezes escondidas, que também faz parte da sua bagagem, em suma, toda a acção formadora e educativa, no seu aspecto colectivo e individual, são a nossa maior preocupação e absorvem, em grande parte, as nossas energias.

Não obstante, dizer que os problemas económicos estão longe de ser os primordiais, não significa que deixem de ser absorventes e, vá lá, excessivamente absorventes para quem «não deve ter funções administrativas», com evidente prejuízo de todo o munus e acção educativos.

Isto tudo vem a propósito do facto real (as excepções só confirmam a regra): Lisboa ainda não quis compreender ou ainda não viu que esta Casa do Gaiato lhe pertence e que, até por isso, se intitulá Casa do Gaiato de Lisboa. A maioria dos nossos Rapazes veio da Capital ou dos arredores

CONT. NA SEGUNDA PAGINA

Duas perspectivas da nossa Capela



Cont. da PRIMEIRA página

há-de aprender a costurar e juntar uns tostões para a casa.

O Joaquim terá a alegria de viver numa casa sua. Pobre, mas airosa. Pequena, mas com divisões suficientes, onde pais e filhos e filhas possam viver sem vergonha. Onde o pai se sinta bem e encontre força para resistir à tentação da taberna. Trabalho difícil e moroso, sem dúvida, mas trabalho sério e necessário.

Que no solo abençoado desta terra de Angola se repita o milagre da Metrópole. Que poísem, aqui e além, centenas e milhares de casinhas, construídas quase sem se saber como, mas de certeza com muito Amor e, entregues a quem nada tem, por Amor também. Quem ajuda o Joaquim?

Batuques. Muitos batuques tem havido em nossa casa. Depois do jantar é a correria em busca dos instrumentos. Latas velhas, caixotes, tudo serve. Forma-se o grupo e à voz de comando começa a festa. Tem sido assim, quase todas as noites, antes do deitar.

A alegria não pode faltar em nossas casas. Que nunca falte! E se tivéssemos com que substituir as latas e os caixotes?

Quero dar-vos conta do que nos tendes dado até esta data e do que mais necessitamos. Encontrámos a casa vazia e não tardou a que no-la enchêsseis de mimos.

Temos loiças e talheres que as Madres e alunas do Colégio de N.ª S.ª da Conceição nos trouxeram antes do Natal. Com que alegria abrimos os caixotes, os saquinhos, as latas de conservas, até aos mais pequenos pormenores!

próprios vamos abrigar nos sanatórios e nas prisões, por via de não cheirar mal na rua.

A loucura das mães solteiras que matam, duma ou doutra maneira, visível ou não, os filhos, são culpas a que não podem fugir os responsáveis pelas normas das leis.

O mal que provem daqui, não é um mal individual, mas sim social. É como que uma facada dada num braço e todos os outros membros se ressentem. Ora, a cura da ferida aberta no braço, é a tranquilidade de todo o corpo. O remédio, onde está? Tu que o tens, não demores no caminho, porque se chegares tarde, os doentes vão aumentando, e as feridas agravando. Vem depressa. Não demores. Todo o corpo espera a cura do braço.

ERNESTO PINTO

Ainda não soubemos dignamente agradecer. Roupas usadas e novas de amigos da primeira hora. Toalhas para as mesas do refeitório trazidas por um grupo de senhoras amigas do Lobito acompanhadas de seus maridos, verdadeiramente apaixonados pela Casa do Gaiato. Mil escudos, todos os meses, na Casa Branca de Benguela «sempre pronta a colaborar em iniciativas sérias». Donativos vários deixados em nossas mãos pelas ruas da cidade. Peixe seco da Epal e palavras de muita simpatia do seu gerente. Peixe fresco, uma vez por semana, do Sr. Domingos Antunes e promessas de conservas. Onde havemos de ir buscar para os outros dias? Quem nos diz? Pelo menos três vezes por semana não o podemos dispensar. E conservas? Que bom seria podermos proporcionar aos nossos rapazes uma alimentação completa. Se todas as empresas nos derem a mão, não seremos pesados a nenhuma. Não tardarei a bater a mais portas. Cinco notas de mil e mais cento e quinze escudos que nossas mãos pecadoras receberam em casa.

Deixo-vos a nossa morada: Casa do Gaiato de Benguela, C. P. 820. Por carta, por vale de correio ou por outro caminho tudo cá vem ter. Temos facturas a pagar no fim do mês. Mais de 20 homens a ganhar o seu pão e começámos de zero.

P.e Manuel António

AQUI LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

e está longe de merecer a estima e o interesse a que tinha direito. Daí a nossa mágoa e também o nosso propósito de combater a tamanha manifestação de indiferença ou de apático egoísmo.

Sustentar cerca de 120 bocas, vestir e calçar outros tantos corpos, equipar oficinas, conservar e melhorar edifícios e instalações, em resumo, prover às diversas exigências de uma população tão elevada e num período da vida de grande consumo e diminuta produção, não se faz com o vento. O auxílio oficial a pouco se reduz, os rendimentos da quinta em que vivemos são escassos e o mesmo se pode dizer das oficinas-escolas de que dispomos. Como atender, pois, às necessidades que se nos deparam? A Lisboa cabe dar resposta.

Pai Américo deixou escrito que «o fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza». Queremos ser fiéis a esta norma e nela encontramos força e ânimo para lutar. Da sua observância depende a resposta do Alto, co-



Do que nós necessitamos

Já lá vão as festas natalícias e, como sempre e desde há muito, os nossos fiéis amigos não se esqueceram e lembraram-nos com muito amor, carinho e suas ofertas.

Do que recebemos, graças a Deus, repartimos com os que nos bateram à porta e pelo Barredo, que nunca é esquecido em quadra tão festiva e tão santa. E vamos ao desfile.

200\$00 de «duas irmãs muito amigas». Da Golegã, 1.500\$. «De um amigo», 1.000\$. Encomenda da ass. 26105. E a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, que todos os anos e nesta quadra se apresenta com 1.500\$00. Mais 50 de 2 anónimos da Rua Formosa. Ass. 20380 do Barreiro com roupa vária e muito amor pelos Pobres. E a Ideal Rádio do Porto, com o muito apreço de sempre e o conserto gracioso num dos nossos receptores, e para qualquer reparação estão ao dispor. Obrigado. De Avelar «mais dois pacotes de roupa usada. Também vão alguns brinquedos usados que os pobres podem apreciar». 4 pares de sapatos «de quem pede orações por alma de seu pai». De uma professora, 20\$00 «para um litro de azeite necessário aos fritos do Natal». Por alma de Leontina Pinheiro, 50\$00. De uma assinante, 100\$00. Maria Isabel oferece 50\$00 por alma de seu pai. Pela felicidade de 5 netinhos, 50\$00. Anónimo com 100\$00. «Amargurada pelo dia 22» com 50\$00. Anónima de Espinho com 200\$00. De um reformado dos Transportes Colectivos, 20\$00. M. O. N. com 300\$00. De um primeiro ordenado, 200\$00.

«Do professor Albino de Carvalho e seus alunos do curso de Aprendizagem Agrícola», 100\$00. Por alma de Custódio, 20\$. Lisboa com 50\$00. E de N. N. 1.000\$00. Assinante de Rio Tinto com 100\$00. Anónima de Coimbra com o donativo de 1.000\$00. A presença de E. D. M.. E a Avó de Moscavide que nunca falta. Mais 75\$00 em selos, de Lisboa. 100\$00 e 3 volumes com roupa e calçado de «Uma mãe e duas filhas», do Porto. E dois valentes pacotes com artigos vários da Fábrica de Malhas de Silves, de Santo Tirso, que a todos trouxe contentamento.

Da Capital mais 500\$00. Do «Pessoal O. dos Edifícios Nacionais do Norte, por alma do Eng. Parecido de Araújo, 290\$00. «Da prima Dulce», 2.500\$00. Do primeiro ordena-

do duma professora, 100\$00. Idem de Lisboa. Anónimo com 20\$00. De J. Machado, 360\$. Anónima da Invieta com 100\$. Agência em Tomar, de Pinto de Magalhães, L.da, 500\$00. Roupas de uma assinante de Santa Cruz em Braga. Maria de las Dolores, sufragando a alma de João Fernandes Braga, 50\$00, e pela mesma intenção de suas filhas e genro, 100\$00.

Da Família Pires de Lima, de Cascais, um saco com roupa. Ass. 23998 com 80\$00 e vestuário usado. «Uma Mãe de Oeiras» com 120\$00. Em selos, 30\$00. Curso de Finalistas de Engenharia Civil em 1962-63, 1.000\$00. Electro-Refrigeração, de Lisboa, com 500\$00. Pró Barredo, 50\$00. Valongo com 20\$00. Da caixa mealheiro colocada na Tabacaria Lusa, na Praça da Batalha, 440\$00. E Lisboa com 5.000\$00 e esta carta:

«Tomei, no ano passado, o compromisso de, enquanto me fosse possível, substituir, todos os anos, o falecido «Senhor dos cobertores». Por tal motivo, aqui venho com a minha presença, desejando a todos um Santo Natal.

Helena».

Este cartãozinho acompanhado de 5.000\$: «No Domingo das Missões, lembramo-nos dos novos «missionários» que vão para Benguela e Malanje». E muitas mais ofertas que só Deus sabe a proveniência delas.

Para fecho desta seção, uma carta, toda uma lição para aproveitarmos os bens que o Senhor nos dá. Ei-la:

Filhos de pai incógnito

Estamos num quarto, sem luz: tem uma «janela», por onde o sol entraria, se as nossas mãos abrissem os ferrolhos que a seguram.

Os anos vão correndo, e a nossa vista vai-se perdendo á mingua de luz tão desejada e tão à mão.

A nossa cegueira, vai sendo cada vez maior, por via da preguiça dos que podem abrir os ferrolhos da tal janela.

Os jornais relatam julgamentos, onde o «nú» e o «crú» ressaltam aos nossos olhos, e diz do que devia ser e não é, do que devia vigorar e não entra em vigor por via da preguiça e do me-

«Meus irmãos:
Meus pais não são ricos, mas davam tudo por tudo para que eu tirasse um curso. Vivem desgostosos, pois apesar de todos os seus esforços, não me mostro capaz de lhes dar a sua maior aspiração.

Meus professores dizem-lhes que tenho qualidades intelectuais necessárias e isso ainda mais os entristece.

— Eu com todos os bens e não procurar aproveitá-los!

Nunca me sinto completamente feliz, porque reconheço que estou a errar. Prometo emendar-me, mas essa emenda pouco dura. Não é que eu não tenha vontade de tirar um curso, mas falta-me esse querer, não um querer por querer, mas esse grande QUERER.

Tenho pedido a Deus esse bem, mas talvez eu não saiba ou não seja digna de o pedir.

Lembrei-me da vossa Obra, do coração generoso que irmana de todos que a ela pertencem e que portanto devem estar mais próximos de Deus do que eu.

Rogo encarecidamente a todos os irmãos Gaiatos uma oração para que eu atinja esse Querer e faça feliz os meus pais.

Envio-lhes umas migalhas do pouco que tenho de meu. Uma que pede».

Por tudo o que temos e pelo que o Pai do Céu nos dá, inclusivê as vossas migalhas e as vossas confissões, de joelhos Te agradecemos, Senhor.

MANUEL PINTO

do que possa causar o contacto directo com a luz.

As criadas de servir — as «mães solteiras» — são as pobres vítimas desses julgamentos. O Juiz olha a «mãe solteira», torna a olhar o banco dos réus, e vê ali um lugar vazio. Pergunta, e diz que também o pai da criança devia estar ali. Como a lei não o chama, o Juiz vê o livro dos códigos, e lê a sentença: 22 anos de prisão para a mãe solteira.

E o pai? Esse, espera nova oportunidade, uma outra ingénua que o satisfaça nos seus instintos pecaminosos.

O nome que tem, a posição social que ocupa, o valor do seu dinheiro, são o resguardo, são cobertores que tapam e aquecem a malícia que o domina, dando-lhe liberdade para construir lama, essa lama que «nós»

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

DAS prendas que Jesus nos trouxe nesta comemoração do seu Natal aquela que mais apreciamos foi a alegria que ajudámos a proporcionar a duas famílias irmãs. Receberam a casinha que há tantos anos pediam e esperavam.

Uma dessas famílias, dez filhos, pai e mãe, estava completamente prostrada na miséria. O pai, antigo operário cerâmico, já há um ano internado em sanatórios a tratar-se da silicose, parece ter perdido o direito às ajudas das caixas sindicais e a doença não mostra afastar-se. A mãe, cansada de dar filhos à pátria, procura pão por todos os modos. O filho mais velho está sem ganhar há três meses. Só duas pequinhas vão trazer alguma coisa da fábrica, ao fim da semana. O senhorio da miserável cave em que vivem reclama o aluguer de muitos meses em atraso. A loja vai esperando a conta que se avoluma em milhares. A padreira pede que ao menos lhe vão entregando alguma coisa. Alguns móveis e roupas que havia entraram nas casas de senhores.

Na véspera de Natal parece que tudo mudou. Só dois dias antes souberam da prenda do Senhor e nessa hora da noite em que os visitámos tudo era alvorço alegre. Não a preparar a consoada de mesa, mas a transportar e arrumar as poucas coisas de que ainda são senhores. O pai veio do Caramulo com uns dias de licença. Jesus teve naquela família o seu presépio na felicidade que a todos abarcou. Vimos entrar naquela família um pouco da alegria e felicidade a que todos têm direito. Sentimo-nos também felizes e demos graças ao

mo, aliás, temos já experimentado. Mas ser pobre não significa, de modo nenhum, viver abaixo do mínimo compatível com a dignidade humana, de modo a impedir a realização da vontade salvífica universal de Deus.

Vivemos nesta Casa horas difíceis. Uma noite destas estive de vigília quase permanente a ver se descortinava maneira de fazer face aos encargos com a compra imprescindível e inadiável de uma nova furgoneta (a velha F. K. passa dos 200.000 Km. e já marca ao contrário!). A resposta encontré-la nos «Fundamentos da Obra» traçados por Pai Américo: «Os «Padres da Rua» são mendicantes; Padres pobres ao serviço de uma Obra pobre. Sempre que for necessário, saiam a mendigar de porta em porta e recebam por amor de Deus, tanto o sim como o não. Também, com licença dos Bispos, vão pelas igrejas e apresentam-se ousadamente como padres sem ouro nem prata...».

No limiar do novo ano aí tens os meus desabaços. As dificuldades e as responsabilidades também te dizem respeito. Já aqui te falei em mãos dadas, no sentido profundo que a expressão encerra. Não desprezes a oportunidade de quebrar o teu egoísmo. A doutrina do Corpo Místico é para se viver e não só motivo de palestras ou especulações. Se bater à tua porta ou me ouvires pregar nalguma igreja de Lisboa, que algum pároco amigo me possa abrir, não digas não. Os jovens que aqui se encontram também te pertencem; as tuas e a tua alma foram criadas para a eternidade...

Senhor por aquela hora que nos deu.

A outra família é um casal muito tenro, à espera do sexto filho. De sempre lhe vimos a felicidade de viver. Ele sem pão garantido, desconfiado e aflito, embora esperto e inteligente. Ela sempre escrava como esposa e como mãe. Amigos, mas nunca os vimos de casa desanuviada.

Agora que tudo parecia bem encaminhado com a esperança da casa, com entrada no quadro do pessoal, por isso com garantias e abono de família, embora tudo muito modesto, tudo se escureceu de sombras negras, por ele ser chamado ao serviço militar que ainda não havia regularizado.

No domingo passado, no fim do altar, encontrei-a carregada com dois, um ao colo e outro no seio, mais duas a puxar-lhe nas saias, cada uma de seu lado, carregada de dívidas e carregada com lágrimas de alegria para me agradecer a casa e lágrimas de dor a sentir a falta do marido nesta hora de tanta necessidade: parados os dois. Vinham todos vestidos com roupinhas ajeitadas que mãos caridosas lhes ofereceram.

Procurei indagar do futuro do pão daquela família. Fica com quinhentos escudos mensais de abono que a compreensão cristã dos responsáveis do trabalho onde estava aquele chefe de família lhe destinaram.

De resto mais nada. Quinhentos escudos para sete bocas tenras, mais sete corpos. Uma família que será amanhã mais um tesouro para a nação. Quantos cuidados mais nos merecia este tesouro que a miséria de agora pode corromper! Que pensamos nós a sério, a sério, como filhos de Deus e da Pátria, sobre a vida humana debilitada? Quem não sente culpa? Quem lhe não sobe o rubor às faces?

PADRE HORÁCIO

Visado pela
Comissão de Censura

Disse no último número que temos adaptações a fazer na Casa Nova, mas que estão dependentes da liquidação da nossa dívida, como é óbvio.

Ei-las por ordem de necessidade:

1.^a — Os antigos proprietários deixaram-nos um projecto de construção de pocilgas e respectiva cozinha, casa de arrecadação e quarto para criado. As pocilgas estavam já construídas e nós temos urgência de completar a obra porque: a) na casa de habitação não podemos dispensar para arrecadação dos produtos agrícolas o espaço que os antigos donos dispensavam, visto sermos uma família muito mais numerosa; b) precisamos de contratar um criado ou um casal que guarde a quinta e tome a direcção dos serviços agrícolas; c) a chamada cozinha dos porcos está metida na nossa casa, dá para o pátio que é ser-

ventia da nossa cozinha, com duas entradas para a casa, e é frequentada pelo pessoal assalariado, por necessidade de serviço e por não ter mais onde se abrigar, no inverno, e tomar as refeições; d) enquanto a cozinha ficar tão longe das pocilgas é muito mais trabalhoso cuidar dos animais e, dada a tenacidade das belenitas, não podemos entregar-lhes tão cedo esse serviço.

Creio não precisar dizer mais para que todos vejam as inconveniências de vária ordem que traz esta situação.

2.^a — Na quinta há dois poços que dão água em abundância para a casa e para os campos. Precisam ser convenientemente cobertos, mas não de qualquer maneira, por causa do motor, que é preciso descer e subir, conforme as estações. Além disso, para pôr o motor mais potente a trabalhar é preciso descer um homem a ferrá-lo

pelo que tem de haver visibilidade dentro do mesmo. É trabalho mais dispendioso do que poderá supor qualquer pessoa desconhecidora do assunto. Mas vejamos os leitores a constante preocupação que é para nós, em hora qualquer não tenhamos qual ocupação nos locais onde os mesmos se encontram.

3.^a — A mata da nossa quinta continua-se noutras matas, sem outra separação que não sejam os vulgares marcos de pinhais. É frequente meter-se pela nossa mata gente estranha, à carumão ao folhado, às pinhas, quando não se atreve mesmo a rogar o mato. Então no tempo dos cogumelos ou miscalos foi uma invasão, à procura dos ditos. Houve quem se atrevesse a chegar mesmo até à nossa porta.

Na época da caça são os caçadores que a atravessam e também de vir procurar a caça, mesmo à nossa porta. Bem sei que lhes é permitido por lei entrar em quintas não muradas. Mas se fossem sensatos bastava considerarem que podem andar por áreas espalhadas pela mata para não serem caçados os pés.

O caso dos caçadores terá de ser tratado e resolvido superiormente antes que volte outra época de caça.

Mas como convencer toda esta gente do respeito que lhes deve merecer a quinta, pelos filhos a que se destina? Como poder as crianças e amanhã as raparigas andar à vontade no que é seu, correndo tantos riscos de ordem moral e física?

Impõe-se, pois, a construção de um muro de vedação e parafuso já a demarcação da mata com alguma fiada de arame farpado. E já falo de arame farpado, veio para dizer que há outros a reparar. Mesmo à entrada da quinta há um que abriu brecha, com as últimas chuvas, ameaça desabar sobre a propriedade do vizinho, levando consigo toda a terra do socaleco que sustenta.

4.^a — Por fim teremos de pensar em levantar um andar à casa de habitação, para fazer quartos de dormir, e também uma sala com as condições necessárias ao funcionamento do nosso Posto Escolar. Para já em contra-se instalado numa varanda envidraçada que tanta falha faz para a costura e bordado e até para recreio. É ainda indispensável a construção dum recreio de inverno e de instalações necessárias para as crianças da escola.

Só depois de todas estas adaptações é que será possível receber até 50 ou 60 crianças. Antão disso não poderemos ir além da

P.e FONSECA

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

AUTO-CONSTRUÇÃO

«Auto-Construção» é uma escola. A vida, a grande mestra, é quem ensina. Antes de mais os Auto-Construtores aprendem a dar e a receber. Sem dar ninguém pode receber, a não ser num plano diferente e muito transcendente. Antes de darmos coisa alguma, recebemos a vida, o grande dom, a maior riqueza. Mas depois deixou de ser assim e o homem, para receber, tem de dar. Assim, auto-especial. Aprenderão a avaliar o valor do tempo. As casas serão construídas também nas horas vagas; diríamos mesmo principalmente nas horas vagas. Matar o tempo, quando mais de meio mundo passa fome é um crime. O tempo, riqueza incomparável que Deus nos dá. Ele condiciona todas as outras riquezas. Na nossa época tanto tempo perdido! Tantos lugares para se passar tempo! O Auto-Construtor é avaro do seu tempo e aprende, praticamente, a avaliar quanto valem essas horas livres que, afinal, todo o homem tem. Escola também de renúncia. Quem não saiba renunciar não se educa. Quem engrenar neste movimento tem de fazer muitas economias, pois uma casa, mesmo em regime de Auto-Construção, custará muito esforço, muita coragem e muito dinheiro. É ainda uma época da vida em que as pessoas não sabem dar o devido valor ao dinheiro. A juventude é, por natureza própria, esbanjadora. A vaidade custa sempre muito e a mocidade costuma pagar o seu tributo à vaidade. Escola de camara-

dagem. Regra geral os jovens juntam-se para a futilidade ou para o mal. O desporto para muito poucos é caminho de disciplina. As excursões não formam e algumas vezes nem conseguem distrair. Auto-Construção obriga a conviver, exige camaradagem. E não apenas durante umas horas, mas durante três ou quatro anos. É uma prova, um testemunho vivo, palpante, elocubração. Escola de persistência. Custa tanto perseverar, custa tanto saber esperar! Dar tempo ao tempo é um lema querido a quantos trabalham em Auto-Construção. Escola também de transigência. Diríamos mesmo de perdão. É que nem todos os do grupo cumprirão escrupulosamente os seus deveres. E os outros terão que saber exigir, mas com bondade. A convivência acarreta sempre divergências. Os encontros são muitos; as reuniões têm de ser muitas também e os Auto-Construtores terão absoluta necessidade, pela própria orgânica do movimento, de serem compreensivos, razoáveis e terem a grande coragem de perdoar.

«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

24.

IN E



ESTÁ a dois passos daqui. Não é difícil lobrigá-la. A estrada, marginada de ramadas despidas, conduz a Louredo da Serra. Na berma, casita airosa, ainda que modesta, é servida por escada de cimento musgoso. Debaixo desta, tábuas escurecidas pelo tempo parecem abrigar aves ou até animais. Mandam-me espreitar. O vão é escasso. Teias de aranha nublam as paredes húmidas. Palha apodrecida cobre o chão. E sobre ela, envolta somente no chaile, velhinha trémula de febre, de frio e de fome também. O local tem aspecto de aprisco, mas nele vejo um ser humano doente. Arrepiado forte prepassa-me pelo corpo, ao forçar-me a crer na realidade que os olhos fitam. Assento-me na palha, e oiço. — Quero confessar os meus pecados antes de morrer. Estou para não os ouvir, que os meus são maiores, mais os de quantos consentimos a irmãos nossos esta situação. (A omissão pode ser mais grave que a comissão em matéria de dever). A pobre já está em paz com o Senhor, mas acrescenta, que perdoa tudo quanto lhe fizeram. — Os meus filhos deitaram-me fora. Puseram-me na corte dos ceivados, primeiro. Odepois, correram comigo, com medo dos vizinhos. Andei a pedir, sabe Deus como, arrastada pelos caminhos, até vir parar aqui, vai em dias. Morro de febre.

É a dois passos do Calvário. No norte de Portugal. No coração da gente, que a tradição fez cristã. A julgar por aqui podemos concluir que o conceito presente do cristianismo anda absolutamente errado, totalmente falsificado, por estes lados. É certo que uma andorinha não faz primavera; mas se é um bando, é que estamos nela. Ora, ele são muitos, muitos os Pobres deitados à valeta. Toda a gente comparece ao domingo no adro da igreja. Desobriga-se pela Quaresma. Cumpre as promessas feitas em dias de aflição. E fica satisfeito consigo mesmo, supondo que o Senhor também o está.

Engano. Falsidade de pensamento. É o próximo, que são os pais, que são os irmãos, que são todos aqueles que precisam de nós? Isso quase todos ignoram. Desconhecem precisamente que eles sejam objecto de culto. Isso é doutrina que lhes não foi ensinada e muito menos vivida. Ajuntamento dominical, Festas que os avós promoveram e importa respeitar. Contas certas com as confrarias... É tudo quanto se lhes pede: mesmo se se lhes vai a rogar mais, e se este mais é no campo do amor aos outros, surgem argumentos, apresentam-se desculpas, pois que a vonta-

de não é dócil a tal doutrina. A fachada do cristianismo ainda é risonha, mas o interior está vazio.

Não digo que seja apenas aqui mas a vida de muitos é círculo bem fechado. Os outros não têm lugar dentro dele. Quantas vezes alguns não pretendem encerrar a Deus no seu viver, reduzi-lo ao círculo do seu pensar. Querem um Deus à sua dimensão. Ora, enquanto o homem não compreender que a sua grandeza está precisamente no entrar no círculo infinito de Deus, ele nunca se dilata, nem engrandece; nem é feliz. Atrofia-se, em si mesmo. Mas ninguém pode subir a Deus sem descer também ao encontro dos outros, que são d'Ele imagem bem amada. E então, se se vai a afirmar que se pode ser feliz, alegremente feliz, no cuidado dos outros, preocupando-nos com eles, atinge-se a raia da loucura. Pode sim, porque o amor com que se age é o de Deus em nós, e a consciência clara desta certeza produz a felicidade. Tudo nos aparece consoante os olhos que temos na cara. Ora os cegos não vêem nada. Deixa que os outros entrem no teu viver, mormente os Pobres, que são os mais carecidos, e a tua vida começará a ter sentido diverso.

Bem quisera que colhesses aqui a doutrina do Mestre, mas não sei como comunicá-la. Digo-te apenas que ando deveras feliz no amor destes Pobres. E para teu estímulo, afirmo-te que parte deles são dos mais miseráveis, dos que mais custam a amar, porquanto não correspondem ao amor que se lhes devota, pois que são anormais. Perdoa a censura. E que os Pobres nos perdoem também o nosso esquecimento deles.

Padre Baptista



Lar do Porto

Uma vez mais, aqui vai um feixe de notícias acerca do que até agora tem por cá passado.

O jornal tem tido uma subdizinha na venda o que prova o aumento dos nossos Amigos. Os vendedores são todos novitos, portanto é necessário fazer ver que eles querem amor dando o Famoso que é o nosso amor nas mãos deles.

Os galinheiros andam de luto; a Senhora também; a malta triste, mas que tristeza! Nada menos que 30 galinhas morreram nestes últimos dias de inverno; com elas dois porcos seguiram. Estamos vazios!

Antes que elas morressem havíamos nós pensado comê-las, mas que diria a Senhora quando chegasse de férias? Lamentamos a perda e com os olhos visando qualquer coisa para lá do horizonte, esperamos ansiosamente que a dispensa volte a ter a sua enchente de boas febras de porco!

Amigos. A Conferência do Lar do Porto teve nestas férias um movimento bastante bom. Todos os nossos Pobres tiveram as suas consoadas e o carinho que sempre lhes dispensamos.

Donativos entregues à mão e vindos pelo correio: 780\$00. A Shell, tão amiga, manda 500\$00; um benfeitor desta cidade manda entregar 1000\$00; Banco Pinto Sotto Mayor, 20\$; Ass. 29854, 100\$; Banco Pinto de Magalhães, L.da, 200\$; Rua da Bateria, 191, 50\$; R. Montes dos Burgos, 200\$00; F. Fernandes Guimarães, cliente firme da tipografia de Paço de Sousa, manda 50\$; Ass. 14305, 100\$; Ass. 31824, 20\$; Senhor Alberto Madeira do Canadá, 5 dólares; trimestral, ass. da Casa dos 100, 20\$; mais dinheiro, roupas, calçado de A. F. G., que muito jeito fizeram para a distribuição do Natal.

Gastámos na mercearia para as consoadas 1.929\$00 e demos em dinheiro cerca de 300\$00.

A todos os nossos Amigos muito obrigado em nome dos Pobres da nossa Conferência.

Orlando da Rocha

Venda do jornal no Porto

A venda da cidade Invicta está mais ou menos normal. Passamos 4.000 jornais. E em Aveiro, Braga,

sava onde lhe abrir horizontes. Tinha mãe e irmã. Alguém bem intencionado, nós não duvidamos, ajudou no afundamento tentando arranjar-lhe emprego. O «Lisboa» fugiu!...

O «Lisboa» e o Arlindo mais as mães deles e quem os ajuda a afundar-se, pagarão caro o abuso da liberdade sagrada que na Casa do Gaiato sempre veneramos.

Não foi inútil o esforço da Obra por eles. De modo nenhum. Tanto um, como outro, foram marcados e há-de dar fruto o amor que lhes consagramos. Não foram os primeiros a pagar com a ingratidão o que devem à Obra. Não serão os últimos. A Obra continuará firme nos seus princípios. Tal qual como o Senhor que nos deixou: livres, capazes do Bem e do Mal. Livres!...

PADRE ACILIO

Espinho, Viana, Guimarães e Póvoa de Varzim cerca de 1.000

Agora, no Porto, há mais possibilidade de a venda aumentar. Mas como os vendedores são muito pequeninos, por vezes distraem-se nas montras... Andam só pelos cafés e pelos eléctricos, porque nos fregueses e em casas particulares sou eu e outro colega.

Começamos a faina à sexta feira e ficamos depressa sem jornais. Saibam os senhores que os vendedores agora são pequenos porque saíram alguns, que foram para Angola.

Quero pedir ao povo de Aveiro para animar. E à gente de Braga, Viana, Guimarães, Espinho, Póvoa, Porto e Amarante, também. Em Amarante está-se a vender mais ou menos. Houve alguns vendedores que não chegavam aos cem jornais e agora o que lá vende subiu aos 180!

Há um senhor no Porto, que trabalha na Polícia Judiciária, que me pediu que escrevesse uma crónica. Aqui em casa também. Ela aqui está.

António Sanches (Caparica)

Benguela

Amigos leitores chegou a minha vez de escrever para o simpático jornal «O Gaiato».

A crónica consta de como se passaram as festas de Natal.

No dia 24, graças a Deus, tudo acordou bem disposto, para o que desse e viesse.

Das 4 horas em diante começou a canseira na cozinha, uns preparavam as batatas, outros o bacalhau — desculpem de eu falar em bacalhau que parece mentira mas foi verdade — outros as tronchudas. As Snras. faziam os petiscos melhores, etc.etc.

Chegou a hora de comer, mas não estávamos com a barriga colada às costas por causa das bananas, mas tínhamos saudades dos velhos tempos.

Entrámos para o refeitório todos com boa disposição, começámos o trabalho respectivo que era comer. Começaram a dar vivas ao Gaiato e Pai Américo, etc.

Depois disto tudo saímos do refeitório, fizemos a digestão e fomos para o nosso «grande Salão de Festas» começar as variedades. Pouco faltou para entrar a Madalena Iglésias. Depois, à meia-noite, saímos e fomos para a S.ta Missa.

Mais tarde fomos para a cama, e, às 3 horas da noite, já tudo dormia, vieram os «Meninos Jesus» que foram Almerindo e Sra. D. Rosa.

De manhã, quando acordámos, demos com uma surpresa — um brinquedo em cada um. Grandes e pequenos. Em mim, como sou um menino muito pequeno, botaram-me um boneco sem graça nenhuma. Com os nervos deitei-o logo para o chão. Aquilo era uma risota. O Azevedo que é um menino de 23 anos teve uma máquina de comboio. Também era engraçado. E por fim o do Sr. Padre Manuel era um palhaço todo cómico, parecia o despertador da Casa Mãe de Paço de Sousa, tocava pratos e tambor. Era muito engraçado.

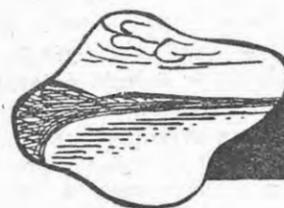
Meus irmãos, eu tenho que terminar porque já está a falhar a tinta da caneta; só tenho a dizer que o Chico podendo comer 30 bananas come mas eu não sei se passo de 30.

Muitos cumprimentos para toda malta da Metrópole, principalmente para os tipógrafos desde a Imprensa à Encadernação. Também para o Sr. P.e José Maria. Ando muito zangado com ele porque não manda para cá vinho.

Felicidades para o Américo e que tenha boa preparação para vir para Angola.

Adeus Leitores.

António Augusto



SETUBAL

Nós somos a porta aberta. Não há muros, não há portões, não há arame farpado... Somos a porta aberta. Porta que se abre tantas vezes para nos cortar de dor mas que continua aberta.

A liberdade do homem é o seu dom mais precioso. Está acima da própria vida. Com ele o homem realiza-se, sem ele de-paupera-se... É assim o plano de Deus!... Ele o Senhor de tudo e de todos, Ele o conhecedor perfeito da natureza humana, Ele o Pai cheio de infinito amor por seus filhos assim o entende. Também eu vou compreendendo pela experiência as razões do Senhor para nos deixar livres. Homem que não é livre não é homem.

Ai! do educador que viola este dom sagrado. Ai!... da autoridade que impede o gozo deste direito inalienável. Tarde

ou cedo receberão a paga da sua violência.

Nós somos a porta aberta. O rapaz está se quer e vai-se embora se quer. Não gozamos tantas vezes a alegria de saborear o fruto maduro mas não sofremos o desgosto de o ver apodrecer em nossas mãos.

Uma coisa é certa: — rapaz que viva em nossas casas durante um período de tempo mais ou menos longo é homem marcado para toda a vida.

Não mandamos embora. Ninguém é expulso. Os pais não põem fora de casa os seus filhos. Quando o rapaz não aguenta o ambiente elimina-se por si.

A Verdade e a Justiça são os alicerces do ambiente, as linhas mestras do nosso habitat educacional. Trabalho e alegria: frutos que se multiplicam expon-

taneamente aperfeiçoando o indivíduo.

Ontem foi-se embora o Arlindo. Estava no 3.º ano de Indústria. No primeiro período não estudou. As notas foram más.

Neste começo do 2.º comecei a exigir. O Arlindo não quis estudar. Não disse nada. Não se despediu. Não se comprometeu. Continuou a rir e a fingir... e... sem ninguém esperar, fugiu. Desculpa: vim a saber — não queria estudar.

Uma dor profunda me atravessou e me penetrou. Cada um que foge crucifica-me. Só Deus sabe quanto sofro. É a desilusão, o desfazer de sonhos, o vazio no coração, a angústia do que irá ser fora do nosso bafo em idades tão instáveis. O Arlindo tinha mãe. Dela fizemos nossos três filhos. Ela, talvez a causadora da ruína do seu lar, facilita agora a desgraça dos filhos. Oh dores!... São mães e nós por mais que lhes façamos, e por eles soframos, não somos nada!...

Outro dia foi o «Lisboa». Estava no 5.º da Indústria. Acabava este ano o seu curso. Já eu pen-

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes